

# As tecnologias digitais e a colônia planetária

*Digital technologies and the planetary  
colony*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v13i28.56371>

João Nilo de Souza Nobre  
Universidade Federal de Pernambuco  
<https://orcid.org/0009-0001-1257-8286>  
nilonobrelobo@gmail.com

## **Resumo**

resenha do livro Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana de Deivison Faustino e Walter Lippold, Editora Boitempo, 2023

## **Palavras-chave**

Colonialismo, Capitalismo, Tecnologia

## **Abstract**

Critical review of the book Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana by Deivison Faustino e Walter Lippold, Editora Boitempo, 2023.

## **Keywords**

Colonialism, Capitalism, Technology

Quais heranças o colonialismo deixou no mundo ocidental? Ainda faz sentido falar de colonialismo em um mundo povoado por países historicamente independentes e globalizados? São estas e algumas outras questões que Faustino e Lippold buscam responder ao identificarem um colonialismo digital. O livro em questão está dividido em três partes: na primeira, discutem-se as atuais relações de colonialismo que assumem um novo papel com a hiperconexão da internet; na segunda, os autores abordam a acumulação de dados enquanto forma de riqueza; e na terceira, propõem alternativas para sairmos dessas armadilhas virtuais.

Neste sentido, os autores iniciam sua discussão apontando as transformações sociais provocadas pela introdução da informática, das telecomunicações e da robótica nos processos produtivos capitalistas. Um momento em que os acionistas conseguem, com apenas um clique, fechar uma fábrica em um país e investir o dinheiro em outro lugar, sem se importar com as consequências humanas dos desempregados.<sup>1</sup> Transformando o mundo em uma imensa esteira de fábrica com produtos sendo transportados para todo lugar, sugerem os autores, as possibilidades de expropriação do trabalho foram levadas a patamares inimagináveis, aumentando as desigualdades e a violência próprias das divisões raciais, regionais e internacionais.

Destaca-se, portanto, que a criação, manutenção e gestão dos dados nos *data centers* localizados prioritariamente nos países desenvolvidos do norte global, revela uma condição de que este estado de bem-estar digital precisa de vastos recursos que são obtidos no sul global, cujos países embora independentes, continuam a ser explorados enquanto celeiros e minas, tal como no período colonial, pois suas matérias-primas são levadas para os países desenvolvidos e transformadas nos *microchips* necessários. Além disso, a pseudoinfinitude digital apenas mascara as relações materiais envolvidas em sua manutenção. Se há uma quantidade inquestionável de informação trafegando na forma de impulsos elétricos, ela é invariavelmente dependente da estrutura material e energia dedicadas a estas transmissões. Há limites físicos e materiais que nem sempre são levados em conta quando se pensa no tempo comprimido das mensagens instantâneas ao redor do globo.

Neste ínterim, percebe-se que as estruturas racistas, sexistas e especistas do capitalismo nunca foram superadas, mas se aprofundaram, enquanto os Estados gestores e o direito privado são utilizados para definir “o lugar de cada

---

<sup>1</sup> Bauman, Zigmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro, Zahar, 1999, p. 14.

um” no choque das diferentes identidades que compõem o mundo globalizado.<sup>2</sup>

Alia-se a isto o fato de que as redes sociais enquanto meios de comunicação em massa operam uma padronização dos gostos, hábitos e desejos em uma escala muito maior do que aquela do rádio ou da televisão, sem que nenhum público-alvo seja deixado de lado.<sup>3</sup> Tal homogeneização se dá através da instauração das bolhas de filtragem, que pretendem selecionar o conteúdo de forma a entregar experiências personalizadas, mas que acabam por minar o desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade<sup>4</sup>, prendendo a todos em espaços de infinita repercussão das mesmas mensagens e ideologias, radicalizando os indivíduos e impedindo qualquer consenso.

Na segunda parte do livro, os autores se dedicam a discutir a transformação do espaço para o capitalismo 4.0. Uma vez que produtos são oferecidos para os compradores mais prováveis através dos algoritmos, é necessário que a mercadoria esteja também sempre próxima do comprador. Para tanto, os estoques foram substituídos por um intermitente tráfego de mercadorias. Chegam rápido, pois já estão em circulação perto dos compradores. Para isto, destaca-se a atuação dos algoritmos que não só permitem prever com certo grau de confiabilidade quais clientes estão mais aptos a efetuar a transação, como também servem para minerar dados pessoais e estabelecer perfis de públicos-alvo que serão também comercializados para diversas outras empresas e serviços.

Outra faceta desta transformação do espaço encontra-se na criação dos trabalhos por plataforma. Os aplicativos de mobilidade e de entregas constituem um exemplo deste tráfego constante de mercadorias e pessoas a partir do controle espacial propiciado pelos meios informacionais. E exemplifica também a precarização neoliberal na qual o trabalhador é responsável pelas próprias ferramentas e condições de trabalho em uma divisão desigual, pois se o trabalhador deve entrar com o transporte e sua manutenção, o combustível e o *smartphone*, a empresa restringe-se a entrar apenas com o aplicativo e seus algoritmos, sem nenhuma responsabilidade trabalhista de saúde ou previdência.

---

<sup>2</sup> Barros, Douglas. *O que é identitarismo*. Boitempo, São Paulo, 2024, p. 151.

<sup>3</sup> Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max. *A dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995, p. 101.

<sup>4</sup> Pariser, Eli. *The filter bubble: what the internet is hiding from you*. New York, The Penguin Press, 2011, p. 17.

Neste estágio atual do capitalismo neoliberal, o Estado perdeu muito de sua autonomia, tornado-se apenas um gestor “técnico” para resolução de conflitos<sup>5</sup>, fato que permite que a internacionalização dos capitais permita que a partilha do poder do globo esteja na mão dos grandes monopólios da indústria da informação. Nem mesmo os Estados dos países desenvolvidos estão isentos do controle por estas corporações. Caso os governos não cooperem com seus interesses, as *big techs* possuem formas de influenciar o meio político, moldando os padrões para que melhor atendam seus interesses. Em grandes eventos políticos como a guerra da Ucrânia, as *big techs* não se isentaram de tomar partido, bloqueando seus sinais para o território russo e disponibilizando-os para a Ucrânia. Portanto, evidencia-se que todo capital informacional detido por estas empresas está também a serviço dos mesmos ideais imperialistas americanos de sempre.

Por fim, na parte três, os autores apresentam algumas possibilidades para descolonização dos horizontes tecnológicos. Inicialmente, deve-se entender a atuação informacional na contemporaneidade como uma extensão da missão civilizatória europeia, que representa a nova face do mesmo colonialismo de antes. Neste contexto, o ideal seria a conscientização de como a tecnologia opera essas segregações sociais e inverter seu *status*, para que ela trabalhe a favor da emancipação. Mas enquanto isso não acontecer, os autores defendem que organizações hacktivistas anticapitalistas são fundamentais para desestabilizar estes monopólios.

A contextualização elaborada pelos autores é bastante extensa e ajuda a iluminar algumas características da nossa sociedade que estão mascaradas pelas relações que temos com a tecnologia. A análise parte de estudos históricos aprofundados ao longo dos últimos cinquenta anos, pelo menos, sobre a atuação colonial e como o racismo é central para manutenção destas estruturas. Não à toa os escritos de Frantz Fanon na década de 1970 sejam tão importantes para a argumentação do livro.

Trata-se, portanto, de uma excelente reflexão sobre a atualidade que ajuda a compreender os desdobramentos de processos históricos mais longos, como a agudização da dominação das massas através dos meios de comunicação, que suprem visualmente o que os indivíduos já não conseguem mais alcançar em suas vidas cotidianas<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Barros, Identitarismo, 146.

<sup>6</sup> De Certeau, Michel. A cultura no plural. Campinas, SP, Papirus, 1999, 42.

Além disso, os autores não se prendem a um discurso de que o colonialismo digital seria dirigido apenas ao sul global, como se em uma estratégia pensada de atores bonzinhos ou mauzinhos ao longo do tempo, mas o definem enquanto processo histórico e apontam que mesmo os países desenvolvidos são reféns de seu próprio maquinário.<sup>7</sup> O que de certa forma, põe em cheque a própria argumentação de que há uma busca pelo estabelecimento de uma europeização do mundo, pois se o próprio identitarismo branco também é alvo da precarização neoliberal nos países desenvolvidos, isso significa que o rolo compressor capitalista só poupará os donos do capital, moendo todo o resto no caminho, mesmo aqueles que foram historicamente privilegiados pela estrutura identitária branca. O reacionarismo branco que fez emergir a extrema direita mundial e levou Donald Trump a se reeleger em 2024, pode ser apenas um sintoma de que até mesmo os países desenvolvidos também se tornaram colônias para os monopólios das grandes empresas de informação.

O livro conta com uma linguagem acessível e de fácil compreensão. Mesmo os capítulos voltados à discussão conceitual são fáceis de acompanhar a argumentação. No geral, trata-se de uma obra que revela muitas características que ignoramos na contemporaneidade, como a suposta neutralidade dos algoritmos e, por fim, os autores ainda sugerem formas de combate ao controle midiático por parte das *big techs*, ao enfatizarem os *hackerspaces* como espaços voltados para a descolonização da tecnologia, pois se faz cada vez mais necessário operacionalizar uma resistência. A própria coleção da editora Boitempo, da qual este livro faz parte, tem o intuito não apenas de difundir as discussões teóricas mais recentes, como também incentivar, através do conhecimento, uma maior educação política que permita às pessoas terem mais autonomia para disputar os diferentes projetos de sociedade em pauta. Tão mais estejamos presos em bolhas de informação com conteúdos díspares, mais ainda precisamos de ferramentas (inclusive analíticas como esta), para não perdemos de vista os horizontes políticos de disputa.

## Referências

Adorno, Theodor W. e Horkheimer, Max. A dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, Zahar, 1995

Barros, Douglas. O que é identitarismo. Boitempo, São Paulo, 2024, p. 151

---

<sup>7</sup> De Certeau, A cultura... Op. Cit, p. 94.

Bauman, Zigmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro, Zahar, 1999

Certeau, Michel de. A cultura no plural. Campinas, SP, Papirus, 1999

Pariser, Eli. The filter bubble: what the internet is hiding from you. New York, The Penguin Press, 2011

Recebido em 05 de dezembro de 2024  
Aprovado em 06 de fevereiro de 2025